



AS VOGAIS MÉDIAS DO PORTUGUÊS E DO INGLÊS E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO

Vera Pacheco

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: vera.pacheco@gmail.com

César Alves de Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: cesardeoliveira1599@gmail.com

Letícia Victória Rebouças Leto de Magalhães Barbosa

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: lete1.d@hotmail.com

744

INTRODUÇÃO

As vogais médias do Português Brasileiro (PB) e do Inglês (ING), tanto na produção quanto na escrita, se caracterizam por variações decorrentes da ação de processos fonológicos e por instabilidades na ortografia, uma vez, que essas línguas não possuem uma relação de um para um entre fones, fonemas e grafemas. O trabalho busca, essencialmente, destacar possíveis implicações que os sistemas fonológicos têm para o ensino de ING e PB, no que se refere às vogais médias.

Todas as línguas naturais possuem vogais e cada vogal possui um timbre próprio, uma qualidade que as distingue em função de suas características acústicas. Segundo Sacchi (2018), toda língua tem um inventário de sons que as catalogam e estas categorias podem variar de língua para língua. Logo, línguas com sistemas fonológicos diferentes possuem vogais diferentes com timbres diversos, como é o caso do português e do inglês. Esses sistemas vocálicos não paralelos podem ocasionar certas dificuldades para aprendizes de uma língua como L2. Além da língua portuguesa e inglesa terem inventários vocálicos diferentes, estas ainda contam com números não equiparados de vogais. Segundo Câmara Jr. (1970), o PB conta com 7 vogais orais em posição tônica. Enquanto que, de acordo com Alves et al (2020), o sistema vocálico oral do inglês dispõe de 11 vogais orais em posição tônica.

Câmara Jr. (1970) define o sistema fonológico como um conjunto de sons de uma determinada língua, formado pelos fonemas. Diferentemente dos fones, materializados através da fala, os fonemas são unidades mínimas abstratas que possuem a função de distinguir significados. Já o grafema, segundo Barroso (1996), é uma



unidade mínima do sistema ortográfico, que se emparelha ao fone e ao fonema como tentativa de orientação semântica e oral. Entretanto, a relação entre os três pode se mostrar instável.

As relações grafofonéticas podem resultar, também, em confusões para os aprendizes brasileiros de inglês como L2, pois as duas línguas têm diferentes relações entre a ortografia e sons de segmentos. O aprendiz pode trazer de sua língua materna conexões entre escrita e som que não se encaixam no sistema fonológico e fonético do inglês. Segundo Alves *et al* (2020), embora o PB não tenha um sistema perfeito, no que diz respeito ao vínculo entre grafema e fonemas, este tende ser mais sistemático que o Inglês. Neste último, para cada grafema existem diversos segmentos sonoros distintivos.

Nesta pesquisa, nos interessa a identificação e discussão de algumas ocorrências nas quais a leitura e/ou escrita se mostram prejudicadas em decorrência da confusa relação fones-fonemas-grafemas. Além disso, usando dessa discussão, este trabalho se volta a uma reflexão acerca de como o ensino de português (como língua materna) e de inglês (como língua estrangeira/segunda língua) deve articular fonologia e ortografia, tanto na perspectiva de um docente duplamente habilitado para ambas línguas quanto de habilitação única. Assim, buscamos responder a seguinte pergunta: qual a implicação da organização do sistema vocálico do ING e PT no que se refere à vogais médias, suas representações na escrita, e o ensinamentos das mesmas. Nossa hipótese é que a composição diferenciada de vogais médias no ING e no PT e suas diversas representações na escrita traz tanto dificuldade de produção quanto de escrita ao se ensinar essas línguas, que como língua materna, como no PT, como L2, para o ING.

METODOLOGIA

Por meio de uma breve revisão de literatura, foram apurados em alguns artigos científicos, livros e dados de pesquisas referentes à relação entre fonologia e ortografia no ING e no PT, em amostras escritas e de pronúncia que indiquem as instabilidades presentes nos sistemas fonológicos dessas línguas que, possivelmente, margeiam a ocorrência de alofonia e alografia nas ditas línguas. Ademais, também foi realizado um levantamento de palavras e pares mínimos em que se destacam a exemplificação de ocorrências marcadas pelo possível equívoco de realização e registro, que co-articulam com os dados da revisão por meio da metanálise.

Como coleta de dados dos pares mínimos em inglês, foram feitas gravações com 3 informantes: nível iniciante, nível fluente e nativo (informante controle) com vistas a



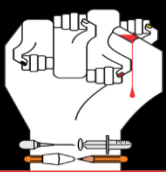
análise do padrão formântico foi feita pelo software PRAAT (BOERSMA; WEENINK, 2021).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Podemos considerar que a confusa relação entre fones, fonemas e grafemas pode ser provocada pela neutralização de vogais altas e médias-abertas em favor das médias-fechadas (CÂMARA JR., 1970). As vogais médias-fechadas /e/ e /o/ e médias-abertas /ɛ/ e /ɔ/ são registradas pelos os grafemas “e” e “o” em PT, em posição átona (ex.: p[**e**]pino ou p[**ɛ**]pino e b[**o**]lacha ou b[**ɔ**]lacha, graficamente *pepino* e *bolacha*) e tônica (ex.: f[**ɛ**]ra e g[**ɔ**]lpe, graficamente *fera* e *golpe*). Já no inglês, a grafia “o”, por exemplo, pode dispor de várias vogais orais, sendo que nenhuma destas é de fato o segmento sonoro [o]. Segundo Alves et al (2020), o fato desta grafia ser pronunciada pelos pares /o/ e /ɔ/ no PB implica uma dificuldade para aprendizes produzirem palavras com tal grafia. Uma outra implicação dos sons da grafia “o” é a proximidade sonora entre o /ɔ/ e o /a/, como nos pares mínimos [ˈpɔrk] e [ˈpark].

Tenani e Reis (2011), a partir de um estudo de grafias não-convencionais das vogais <e, i, o u>, demonstram duas possíveis causas para os “erros” de escrita, que podem se cristalizar e perpetuar ao longo da vida desses usuários de língua portuguesa. A primeira delas é a transcrição fonética (tentativa de aproximação entre fala e escrita), observada em *filizes* (felizes) e *discubriu* (descobriu), nos quais se nota uma aproximação entre a variedade linguística falada (heterogênea) e a escrita (convencional). A segunda, que se co-articula melhor com esta pesquisa, é a hipercorreção, a aplicação de uma regra de forma equivocada, como *infancia* (infância) e *logar* (lugar). Assim, observa-se que o falante/usuário usa da percepção para assimilar padrões gramaticais, apesar de equívocos, ora aproximação com a fala, ora pelo recurso gráfico.

Ney (2012) discorre problemas de acentuação gráfica em textos espontâneos de séries iniciais, que, nas grafias indevidas de acentos, revelam condições fonéticas e prosódicas, uma vez que os acentos se voltam, em sua maioria, a vogais abertas. Nos registros *aeroporto* (aeroporto), *aquêla* (aquela), *castêlo* (castelo), *êla(s)* (ela)(s), *êsa(s)* (essa)(s), *fêsta* (festa), *florêsta* (floresta), *melêca(s)*, (meleca)(s), *nêla* (nela), *nétinha* (netinha), *pererêca* (perereca) e *quêto* (quieto); por se tratarem de palavras paroxítonas, não haveria a necessidade de acentuação, porém, o que o usuário almeja destacar é que se trata da vogal aberta /ɛ/, como nas oxítonas *café* e *xulé*. O mesmo ocorre em *ólhos*



(olhos), *errorósa* (horrorosa), *óvos* (ovos), *vóz* (voz), *fofóca* (fofoca), *vózinha* (vozinha), *vovózinha*, (vovozinha) e *pórquinhos* (porquinhos), paroxítonas com vogal tônica aberta (/ɔ/). Logo, essa acentuação indevida se assemelha ao processo de hipercorreção, pois ambas são aplicações exageradas de uma regra gramatical.

Na coleta de dados feita na pesquisa que diz respeito às vogais médias do Inglês, foi percebida bastante dificuldade pelos falantes não nativos na distinção e produção dos pares mínimos com as vogais /ɛ/ e /æ/. Isto pode ser explicado pelo fato de a última vogal oral não fazer parte do inventário fonológico do PB que o falante já tem organizado em sua mente. Assim, ao se deparar com um segmento fonológico que não pertence ao sistema vocálico de sua língua-mãe, o falante assimila esse som a uma categoria já existente dentro do inventário que este já está familiarizado. Exemplo disso, na análise da produção da palavra [ˈbæd], em que o informante 2 produziu em uma das repetições um som com parâmetros acústicos próximos da vogal [a] do PB, o que mostra como a influência da relação grafia e fonema de sua língua materna é tão forte mesmo na produção de palavras de uma outra língua. Assim como o dado anterior, foi analisado um dado curioso do informante 1 na produção do par mínimo [ˈbɛd]. O informante produziu para esta vogal um som próximo a vogal [i], mostrando que este tinha conhecimentos fonológicos referentes às letras do alfabeto inglês, no qual a letra “e” tem o som de /i/. Mais uma vez, reforçando o quanto a relação grafofonética implica na produção de segmentos sonoros em uma L2.

Diante do que foi exposto, podemos considerar que o professor de português e/ou inglês necessita muito mais do que o domínio de conteúdo e norma padrão. Como observado nos dados apresentados, a prosódia, as variedades linguísticas e a pragmática se mostram essenciais para a relação entre os sons da língua, os sons da fala e os registros escritos. Cabe ao professor se munir de um bom conhecimento teórico e, não obstante, prático, para sanar possíveis adversidades no ensino, tais como as citadas, buscando utilizar o conhecimento linguístico, especialmente o fonológico, como ferramenta principal.

CONCLUSÃO

Tendo por base a pergunta apresentada e a discussão aqui desenvolvida, podemos afirmar que a diferença que existe entre fonema e grafema tanto para o PB como o inglês e a diferença na ocorrência das vogais médias nas duas línguas traz implicações significativas para o seu ensino. O professor deverá ter uma formação



razoável para lidar com os casos de hipercorreção, adaptação de pronúncia e pronúncia equivocada motivada pelo sistema de escrita. Estratégias de ensino devem considerar, obrigatoriamente, essas questões.

PALAVRAS-CHAVE: Desafios. Perspectivas. Ensino. Fonologia. Vogais Médias.

REFERÊNCIAS

ALVES, U.K. ET AL. Fonética e Fonologia de Línguas Estrangeiras: subsídios para o ensino. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

BOERSMA, P.; Weenink, D. Praat: Doing Phonetics by Computer. Version 6.2.02.2021. Disponível em: <https://www.fon.hum.uva.nl/praat/> Acesso em: 02 dezembro 2021.

BARROSO, H. Os sistemas Fonemático e Grafemático do português actual. DIACRÍTICA, nº 11, p. 265-293. Universidade do Minho, Braga, 1996.

CÂMARA, JR., Joaquim Mattoso. Estrutura da língua portuguesa. 36a ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

NEY, Luanda Alvariza Gomes. Acentuação gráfica na escrita de crianças das séries iniciais. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

SACCHI, A.C. A Percepção das Vogais do Inglês Norte-Americano por Falantes de Inglês Como LE. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

TENANI, Luciani; REIS, Marília Costa. “E viveram felizes para sempre”: análise de grafias não-convencionais de vogais pretônicas. Verba Volant, v. 2, no 1. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2011.